



# CULTURA E POLÍTICA EM MOVIMENTOS DE MORADIA DA CIDADE DE SÃO PAULO



Stella Zagatto Paterniani (Bolsista SAE/PIBIC, IFCH-Unicamp)

Profª Drª Luciana Tatagiba (Orientadora / Departamento de Ciência Política, IFCH-Unicamp)  
stella.paterniani@gmail.com

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais – Participação política – Repertórios de ação



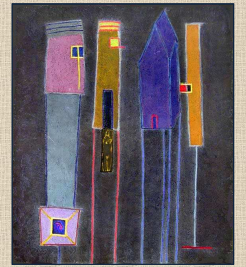
Prédio abandonado e lacrado no centro de São Paulo. Foto: Ennio Brauns, Dossiê Fórum Centro Vivo, 2006.

## INTRODUÇÃO

A Teoria Crítica diagnostica a expansão da racionalidade instrumental para todas as esferas da vida social, que culmina nos fins *apriorísticos*: estranhos ao ator e catalisadores da sensação da perda de sentido na experiência vivida. Questionamos, porém, a permanência do diagnóstico dos teóricos críticos: atentamos para possibilidades de coexistência de outras racionalidades que permeariam a vida social, para além do cálculo instrumental.

Poderiam os movimentos sociais agir como produtores de sentido num mundo desencantado?

Movimentos sociais são em geral analisados a partir de dois paradigmas: um prioriza seus objetivos pragmáticos e sua atuação estratégica, concebendo a política como jogo de soma zero. Outro os considera sujeitos coletivos, (re-)criadores de códigos, comportamentos e linguagens. Elencamos o movimento de moradia, e questionamos: como se relacionam a necessidade de eficiência da ação e a potencial transcendência da luta imediata?



Sem título, Maria Tomaselli, 2003

## METODOLOGIA

Eder Sader (1988) trabalhou com o conceito de matrizes discursivas: as mediações simbólicas definidoras dos parâmetros a partir dos quais se dará a luta social. Articulam-se categorias de nomeação e interpretação, valores, objetivos e interesses, condicionados pelos lugares e pelas práticas materiais de onde são emitidas as falas. Após acompanharmos e observarmos assembléias e atos, optamos por, neste momento, enfatizar as matrizes através do discurso dos próprios atores: aplicamos questionários no 11º Encontro Nacional de Moradia Popular, em São Paulo, para investigar as matrizes discursivas que intentavam preencher de racionalidade as práticas militantes. A análise dos questionários está em processo, e contamos, em todas as etapas, com a assessoria técnico-científica do Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP/Unicamp).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A **Tabela 1** confirma nossas expectativas: a demanda individual por moradia aparece como o motivo mais freqüente para o engajamento no movimento, ou seja, a alta incidência de reivindicação por bem imediato que confere cidadania ao sujeito. Observamos também dois processos: o dos sujeitos que expressavam o desejo *anterior* à entrada no movimento (ou reelaborado na ação movimentalista) de lutar por maior igualdade social, e o daqueles cuja participação é reconfigurada após a experiência vivida no movimento e a percepção da necessidade coletiva. – não necessariamente acompanhada do reconhecimento de outras lutas necessárias.

**Tabela 2: “Qual é a sua opinião sobre as ocupações de prédios ou terrenos?”**

Opinião	Nº	%
A ocupação é instrumento político legítimo e eficaz	38	26,2
A existência de prédios vazios e de pessoas precisando de moradia justificam as ocupações	21	14,5
Favorável às ocupações	18	12,4
Contrário porque são violentas e perigosas	16	11,1
Contrário às ocupações	10	6,5
Contrário porque é uma ação radical. Deve-se buscar o diálogo e a negociação por meios legais	9	6,3
A favor como último recurso, quando as negociações não avançam	8	5,5
Contrário porque desrespeitam a propriedade privada	8	5,5
Contrário porque coloca a opinião pública contra o movimento	2	1,4
Outros	6	4,1
Não sabe/ Não respondeu	10	6,5
Total	146	100

**Tabela 1: “Por que você decidiu participar do movimento de moradia?”**

Motivação	Nº	%
Para conquistar moradia digna	60	41,1
Para lutar coletivamente por melhores condições de vida	22	15,1
Para conseguir moradia para si e para os companheiros	16	11,0
Por influência de outras pessoas	09	6,1
Por identificação com as causas do movimento	09	6,1
Como consequência da participação em outros espaços	07	4,8
Por solidariedade ao próximo	07	4,8
Outros	16	11
Total	146	100

A maioria dos entrevistados (58,6%, conforme **Tabela 02**) afirmou ser favorável às ocupações. Desses, a maioria se vale de argumento político: a ocupação seria instrumento legítimo e eficaz para mobilizar, pressionar o governo a garantir os direitos dos cidadãos e chamar atenção de outros setores da sociedade para os problemas de moradia. Outros recorrem à argumentação pragmática, passível de diálogo com a lógica financeirista das empreiteiras: há imóveis ociosos e pessoas precisando de moradia. Por a+b: Por que não ocupá-los?

A radicalidade da ocupação, em si, a exclui do limite dos possíveis instrumentos de ação do movimento, para 6,2% dos entrevistados – uma vez que o conflito só deve se dar sobre as bases do jogo democrático. Contudo, quando são considerados o contexto sócio-político e o histórico das relações do movimento com o governo, “quando as negociações não avançam”, a prática da ocupação é tida “como último recurso”.

## CONCLUSÕES

Os primeiros resultados indicam o real imbricamento entre o material e o simbólico; o fragmentado e o coletivo; o cálculo pragmático e a busca de sentido no estar-no-mundo nos movimentos de moradia da cidade de São Paulo. Observamos enlances e tensões entre a urgência da demanda material e delineamentos de distintos projetos políticos.

Se, por um lado, a motivação principal para participação no movimento é a demanda pela moradia, essa participação tende a se reconfigurar a partir das experiências movimentalistas. Por outro lado, o principal argumento em defesa das ocupações de imóveis ociosos – o de que as ocupações são instrumentos políticos –, encontra-se ao lado de ponderações sobre a radicalidade das ações e internalizações de preceitos como o respeito à propriedade privada. Descortinam-se, aqui, noções distintas de política – sobre as quais pretendemos nos debruçar nessa nova fase da pesquisa – que se enlaçam e coexistem, assim como também o fazem nossos principais referenciais teóricos no estudo dos movimentos sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Militantes e bandeira do Movimento de Moradia do Centro (MMC)

ADORNÓ, T.; HORKHEIMER, M. (1944) *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DAGNINO E.; FERLIN, U.; SILVA, D.; TEIXEIRA, A. Cultura democrática e cidadania. *Revista Opinião Pública*, vol. V, nº1, Campinas, CESOP/Unicamp, pp. 11-43, novembro/1998.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA. “Os movimentos sociais e a construção democrática: sociedade civil, espaços públicos e gestão participativa” (Texto de autoria coletiva) In: *Idéias*. Campinas: IFCH/Unicamp, 5(2)/6(1), 1998-1998.

SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MELUCCI, A. *A invenção do presente - movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.